



AVENÇA

O VILAVERDENSE

Vila de Prado, sede de concelho cerca de seis séculos, deixou de ser em 24 de Outubro de 1855.

Quinzenário Regionalista

Director e Editor: Cón. Domingos Peixoto da C. e Silva

Propriedade de Nossa Senhora do Alívio

Redacção e Administração — Residência Paroquial de Prado — Tel. 92123 — BRAGA | VISADO PELA CENSURA | Composto e impresso na Escola Gráfica da Oficina de S. José — BRAGA

O senhor Secretário da Agricultura falou ao País sobre os novos rumos à LAVOURA

Surgiu a Carta Magna da Lavoura Nacional

Nem sempre se pode afirmar que palavras leva-as o vento. No momento presente, a declaração feita pelo senhor Doutor Mota Campos, ilustre Secretário da Agricultura, no dia 12, sobre os graves problemas da lavoura portuguesa e sobre os novos rumos a seguir, constitui um padrão de novas esperanças.

Não foi mais um discurso, nem palavras de simples encorajamento. Foram declarações, que previamente o Governo reunido apreciou, e de pois proferidas perante o Conselho Superior da Agricultura para todos os lavradores e para todos os portugueses que sentem a necessidade do progresso nacional.

A todos que vivem da lavoura ou que com ela contactam surgiu uma nova esperança, quando eramos quase tentados a descer. Surgiu o homem de que o Governo do Estado Novo precisava, inteligente, estudioso, que não só estudou em profundidade os nossos problemas agrários, mas tem-nos vivido, desde a sua vida passada num Minho de agricultura moribunda, das tertúlias que frequentou, onde tais problemas eram debatidos, até, no seu alto cargo, percorrer os meios onde se apresentavam os factos mais candentes da agricultura nacional.

Nada pôs de parte a sua inteligência e vontade hercúlea de levar a agricultura portuguesa por novos caminhos. Nas suas múltiplas ocupações, desde os altos tratados dos mestres dos problemas agrícolas até às sugestões do jornal da província, tudo coordenou, para fazer um exacto juízo da nossa situação agrária e encontrar as soluções adequadas.

Há pouco Publiquei no «Correio do Minho» de Braga, e n.º «O Vilaverdense» um artigo sobre os novos rumos de progresso que estava a tomar a lavoura portuguesa. Sem que supusesse que Sua Excelência desse apreço aos nossos escritos, recebi um seu cartão em que agradecia «...interessante e oportuno artigo sobre o

movimento cooperativo da lavoura e pede que continue a pregar a boa doutrina, pois ensinar os nossos agricultores é, também fazer sacerdócio».

Muitas são as dificuldades a vencer. E, de facto, antes de se lançarem empreendimentos como das leis do «parcelamento e da irrigação», doutrina o país para saber se que não marcharemos ao acaso, sob impulsos, mas numa rota definida.

Muitos deixaram-se embalar que, uma vez feita a organização corporativa da lavoura, estava a máquina lançada e seria só po-la em movimento, para os problemas se resolverem naturalmente.

De facto a estruturação corporativa é já um passo em frente, mas o excesso de confiança teve precárias consequências. Muito houve que estudar, que remediar, que arrear caminhos, que coordenar e que lançar de novo e com ideias novas acima da rotina, e muitíssimo falta ainda.

Vão surgir os velhos do restelo. Diz o senhor Ministro que falar da situação da lavoura é assunto melindroso «... não vão sentir-se melindrados e indispostos uns tanto saudosistas da nossa velha e reapeitável agricultura».

Vão surgir os detractores. Aqueles das políticas avariadas para os quais está mal se não se faz, se faz, se vai para a direita ou para a esquerda.

Vão surgir os que só lamentam e não querem trabalhar, culpando o Governo de tudo. Estes serão desde os técnicos até aos proprietários, aos trabalhadores e às empresas ligadas à agricultura.

Vão surgir os exploradores dos descontentes dos sacrifícios pedidos nos grandes movimentos nacionais.

Nunca serão esses sacrifícios comparados com os milhões de indivíduos mortos para que a máquina agrícola comunista pudesse singrar.

Mas aparecerão «Os lobos a uivar...», como quando, nessa grandiosa

(Continua na 4.ª página)

NOTAS DE LISBOA

A «Cavalgada»

Presentemente, o registo dos factos importantes de Lisboa ocorridos entre a publicação de dois números de um jornal quinzenário, como este, afigura-se desnecessário porque esses grandes factos não respeitam a Lisboa mas à Nação inteira (e, mais ainda, ao Mundo Ocidental) e todos os dias são referidos pela imprensa informativa, pela rádio e pela televisão. Atravessamos um período de tristeza e de luto, completamente analisado no último discurso do Sr. Presidente do Conselho. Com esse discurso, de alto e inapagável significado histórico e do mais puro portuguêsismo, ficaram feitos todos os comentários ao atentado da União Indiana e às suas múltiplas implicações.

Deixo pois o caso da Índia para completar estas «Notas», com umas considerações muito breves e de carácter genérico.

Meditando na terrível agitação do Mundo de hoje, chego a não compreender a desmesurada extensão das ambições, das violências e das injustiças de tantos homens.

Eu sei que o homem é o incorrigível criador de problemas; mas sei também que se ele pensasse que a vida se não esgota com a sua rápida passagem na Terra, antes pelo contrário (e verdadeiramente) se inicia com o termo dela, não actuará apenas com vista à satisfação de interesses materiais, por natureza sempre aleatórios. Esta vida terrena, enfim, não vale nada. Pega-se num jornal e a cada passo nele se lê que determinado indivíduo faleceu subitamente, em casa, no emprego, na rua, quando menos o esperava e quantas vezes profundamente envolvido numa intensa luta pela obtenção de fins materiais.

Mas mesmo em relação àqueles que morrem, novos ou velhos, em casa ou no hospital, e rodeados de familiares, a vida continuou a nada valer se a compararmos, em tempo, com a das gerações que através dos séculos nos precederam e, sobretudo, com a vida eterna. Quero eu dizer que o tempo corre velozmente e sem se dar por ele, que depressa atingimos o fim, que,

(Continua na quarta página)

Oh Pátria que choras... Goa não morre... Ela está prisioneira...

A' minha pátria querida
Que ora oiço chorar,
Por ver o peito sangrar
Da sua Goa, ferida.

Ela está prisioneira
Desse monstro:—o Pandita
Mas teremos 'inda a dita
De lá ver nossa bandeira;

Nem que a torturem mil vezes,
A tua filha não morre.
Pois nas suas veias corre
O Sangue de portugueses.

Juremos nós libertar
Mais tarde, nossos irmãos,
E por nossas próprias mãos,
Os teremos de vingar

Já outrora foi assim
Por sessenta anos tristes,
E na história vós bem vistes,
Os libertaram também.

Pois 'staremos nós agora
Todos juntos, mais unidos,
Goeses não são perdidos
Bem assim nossos d'outrora

Ergamos nosso ideal
A' volta desta bandeira
E a pátria será herdeira
Do bom nome — PORTUGAL

23-12 61

CERDEIRA

Ignominosa aventura de um selvagem

O mundo inteiro debruça-se sobre o sagrado rincão Lusitano do Oriente, mais uma vez regado pelo sangue de mártires nossos irmãos, juncado de cadáveres de heróis e de Santos de uma Pátria horrivelmente traída e retalhada no mais Sagrado dos sentimentos, pelas feras da impiedade, pelos sequezes de satanás, por ferinos e selvagens que ainda há poucos anos não sabiam mais que dar urros, misturados com as feras vorazes e sanguinárias!

Goa, a «Pérola do Oriente», o sacrário vivo da Cristandade e da Civilização Lusitana, caíra nas mãos dos famigerados antropófagos de um sem vergonha, cuja cobardia ascende e ultrapassa as raías da impiedade e da injustiça!

Assassino, selvático coração de víbora infame e covarde, que para pisar a pobre, inofensiva e diligente formiga Lusitana, busca a calada da noite, costume selvático dos que apunhalam pelas costas, e não têm vergonha de sujar um nome de si já tão nojento e infame, apenas porque a sua língua de cão lazarento não tem competência nem moral para se levantar contra o poderio de um visinho que o ataca, vale-se,

com maneiras nojentas, sarcásticas e impróprias do século e de povos civilizados, para atacar um Povo pacífico e crente, apenas por este ser Português, o Português que o fóra chamar da toca para lhe dizer que vestisse o corpo e deixasse de comer raízes e ervas, um Povo que lhe levára a esmola da palavra e da Civilização, para, volvidos 5 séculos, voltando à coverna donde saíra, se fazer chefiar pelo mais pérfido dos hipócritas, o primitivo macaco de toca, sem vergonha de passar aos olhos do Mundo Civilizado pelo surrasco da humanidade, se é que pertence ao género humano!

De novo o sangue Lusitano rega as terras abençoadas do Indústio, de novo a costa do Malabar é testemunho da luta cerrada que o Português sabe travar para defender a sua honra e a sua Bandeira, que o sangue Lusitano tingira na sua própria cor!

De novo o «Flagelo de Deus», o terrível Átila encarnado no facínora Nehru, que longos anos se acolhera à sombra do ramo de Oliveira e do manto de Gandhi, aparece qual Bandido da montanha, a atacar a coberto da noite, tão escura quanto escuros e depravados são os seus figados de cão!

As grandes Potências lamentam, mas os Cruzados de hoje não surgem! Deixa-se assim o famigerado cair sobre a presa inocente, e só de paleio fiado e barato é que se auxilia um aliado, um amigo, um membro da deplorável e falecida ONU, que pouco mais tem feito de que fazer a guerra!

Para que serve a ONU? Para que servem as alianças, se aqueles que têm obrigação de nos defender, cobardemente metem o rabo dentro da porta e limitam-se a lamentar, como se com tais lamentos nos queiram ludibriar, ou convencer de que são nossos amigos?

O Português, o Povo que desvendára o abismo dos mares, e abriu à Europa o caminho porque todos os povos deste Continente ansiavam, mas que nenhum, senão o Português teve habilidade para o fazer, já não tem os olhos fechados. Há cinco séculos que servira para arrélgalar os olhos a todo o Ocidente. Não se fia jamais em cantigas de farsantes que apenas dão com a língua nos dentes não se apercebendo do grande e monstruoso abismo que estão a cavar, o qual, constituirá, cedo ou tarde, o seu enterro.

Já sabíamos que assim iria acontecer, num Conselho de Segurança onde só o Urso da Estepe e meia dúzia de prontos sabem dar patadas e guinchos de

(Continua na 4.ª página)

«O Vilaverdense» Encontra-se à venda:

- Em Prado:
Na residência paroquial, onde se tratam todos os assuntos referentes à sua Administração e Redacção.
- Em Vila Verde:
Na Livraria Rainha.
- Em Braga:
Na Tabacaria do Café Sporting.

Vista parcial de Prado onde se realiza a feira anual de S. Sebastião no dia 20 de Janeiro



Venha à Feira de S. Sebastião na Vila de Prado, no dia 20 de Janeiro

Nesta Feira dos "vinte", encontram-se muitos e variados produtos expostos à venda, sobretudo da lavoura.

É uma Feira antiquíssima a tal ponto de a fazer derivar daquela que o nosso rei Lavrador, D. Dinís, estabeleceu em Prado por Carta de 1307, com a condição de se efectuar depois da de Braga.

Eis as principais Casas de Comércio à sua disposição:

A PRINCEZINHA

DE

José Joaquim Alves

Mercearia, Confeitaria, Drogeria e vinhos, etc.

Casa especializada em CAFÉ moído, torrado e à chávina (GIMBALINI)

Vinhos do Porto e Espumantes

TELEFONE, 92110 VILA DE PRADO

Lanifícios, tecidos de algodão e miudezas

Maria Pereira de Lima (Herdeiros)

Telefone, 92138

VILA DE PRADO BRAGA

Talhos de Carnes Verdes

DE

MANUEL FERNANDES

Fundado por seu pai António Fernandes do Lago

Situado em: Rua Lopes Ferraz Filial na visinha (freguesia da Lage)

Ao dispor de Vossas Excelências

TELEFONE 92136 P. F. VILA DE PRADO

CASA QUEIROZ

Fundada por nosso Avô em 1860

DE

José Joaquim de Queiroz & Irmão

Armazenistas e Retailistas de Mercearia e Drogeria

Correspondentes dos Bancos: Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Nacional Ultramarino e Pinto & Sotto Mayor. Agentes da Companhia de Seguros Comércio e Indústria, e de Gaz Mobil no Concelho de Vila Verde, com Posto de Abastecimento e Óleos Lubrificantes da Mobil Oil Portuguesa

Telefone 92101 VILA DE PRADO

GARAGEM PRADO

Telefones 92111 e 92114

Lavagens, Lubrificações, Carregamento e Reparações de Baterias — Reparações de Automóveis, Venda de Pneus e Óleos

Serviço de Aluguer de Carro Ligeiro

De **JOÃO LOPES FERRAZ**

MERCEARIA E VINHOS

ANTIGA CASA RÉCEIRA

DE

Bernardino de Araújo

Santa Maria de Prado Telefone, 92124

Vila Verde — Braga

MARIA ALVES

Fabrico de Tecidos Regionais em Linho

Todos os artigos de Ponto de Cruz

Crivo, Jogos de Cama, etc., etc.

ACEITAM-SE ENCOMENDAS

Lugar da Estrada — Prado - Braga — Telefone, 92143



A feira de S. Sebastião é sempre animada e reúne o melhor gado bovino e cavalari

Casa 1.º de Dezembro

CONFEITARIA, MERCEARIA, SALSICHARIA E VINHOS

DE

Manuel Fernandes & Irmão

Especialidade em chás e cafés

Telefone, 92156 VILA DE PRADO

Rosas, Macedo & C.a, L.da

Fabrico especial de roupa, pregagens e outros artigos

Atoalhados, malhas, miudezas, quinquilharias

PRAÇA CONDE AGROLONGO, 102-103

Telefone, 23393 BRAGA

EM PRADO — **JÚLIO DA SILVA ROSAS**

Estabelecimento de Fazendas, Chapéus, Guarda-sóis, Calçado, Miudezas

Fábrica de Bordados Regionais

DE

Maria Helena Dantas

Voriedade de Linhos: — Toalhas de Mesa em todas as medidas

Jogos a americana: — Tabuleiros, sacos, guardanapos, etc.

Ainda um grande sortido em puchados e em per lé, e bordados regionais

LUGAR DA PONTE — Prado Tel. 92147 BRAGA

MERCEARIA, DROGERIA, CEREAIS E VINHOS

DE

VIUVA JOSÉ DA SILVA COUTO

PRADO Telefone, 92137

Completo sortido de géneros alimentícios — Drogeria, Óleos, Tintas, Alvaçados, Vernizes e Vidraça — Depósito de Pólvoras do Estado

AUTOMÓVEL DE ALUGUER "MERCEDES"

Serviços para qualquer parte do País

AGENTE DA COMPANHIA DE SEGUROS «PORTUGAL»

Casa "ESCRITÓRIO,"

No cruzamento de Prado, onde param todas as carreiras, encontrará V. Ex.ª uma casa ao seu dispor

Mercearia, vinhos e petiscos e um pessoal a... servir bem!

150 Contos

Empresta-se na área do concelho, s/ prédio rústico ou urbano, junto ou em fracção. Condições habituais. Esta redacção informa. Os possíveis interessados, deverão indicar, por escrito: Nome, Morada, e quantia que pretendam, e todos os esclarecimentos que entenderem prestar.

Vila de Prado

— No dia 14 de Janeiro realizou-se a tradicional festa de Santo Amaro. Um dia esplêndido de sol trouxe centenas de devotos e forasteiros até ao lugar da Estrada.

De manhã houve cerca das 11,30 Missa cantada a grande coral, e sermão proferido pelo Rev. P.º Joaquim Alves, pároco de Cabanelas. Celebrou a Santa Missa o sr. Dr. Gonçalves acolitado pelo Rev. Pároco de Oleiros e S. Paio de Merelim. O Mestre de Cerimónias foi o Rev. Pároco, Cónego Domingos Peixoto da Costa e Silva.

À tarde houve a tradicional romaria com músico em palco a dar ambiente festivo ao maravilhoso recinto.

— Deixou profundamente consternada a freguesia inteira, a morte inesperada do sr. Manuel Ferraz Peixoto do lugar da Corga. Contava em todas as famílias de Prado um coração amigo, por isso, todos sentiram a sua falta. Teve Offício e Missa de corpo presente. Um grupo de homens da Conferência Vicentina resolveu subscrever-se afim de lhe sufragar a alma com alguma Missa.

Paz à sua alma e pêsames à família.

S. R.

Câmara Municipal de Vila Verde

Anúncio

Faz-se público que no dia 1 de Fevereiro de 1962, pelas 14 horas, na Câmara Municipal de Vila Verde, perante a Comissão para esse fim designada, se procederá ao concurso público para arrematação da obra de "C. M. ligendo a E. M. 541 (Cervães-lugar do Cruzeiro) ao limite do Concelho de Barcelos (Freguesia de Oliveira) — Reparação e beneficiação...

Base de licitação . . . 192.887\$71 (cento noventa dois oitocentos oitenta sete escudos e setenta um centavos).

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter feito na Caixa Geral de Depósitos, suas Filiais ou Delegações, o depósito provisório de 4.820\$00 (quatro mil oitocentos e vinte escudos), mediante guia passada pelos próprios concorrentes em qualquer dia útil, até às 12 horas do dia do concurso.

O programa do concurso e o projecto estão patentes todos os dias úteis durante as horas de expediente na Secretaria da Câmara Municipal de Vila Verde e na Direcção de Urbanização do Distrito de Braga.

Vila Verde e Paços do Concelho, 8 de Janeiro de 1962.

O Presidente da Câmara,
Adérito Manuel Martins Barreto

Como bom Vilaverdense, prefira sempre as casas dos nossos anunciantes

Pastelaria **BAR VILAVERDENSE**

Fabrico esmerado de doce de todas as qualidades
Serviço de Casamentos, Baptizados e Homenagens
Vinhos de mesa, finos e espumantes, refrigerantes
a preços excepcionais — Café especial

Em Vila Verde, não deixe de visitar a PASTELARIA

Fábrica de Sinos

— DE —

Rebello da Silva

FUNDADA EM 1670

A mais antiga e acreditada do País
Harmónios de reputada marca

Av. M. Gomes da Costa, n.º 446

BRAGA — PORTUGAL

Farmácia Universal

Director Técnico: Geraldo Almeida Coelho

Produtos químicos — Drogas

Especialidades farmacêuticas

Acessórios de Farmácia

Aviamento escrupuloso de todo o receituário

Atende chamadas urgentes a qualquer hora da noite

VILA DE PRADO

Telefone, 92104

BRAGA

ECONOMIZE... USE

GAZCIDLA

Uma chama viva onde quer que viva

Na cozinha, banho, aquecimento, refrigeração e iluminação o emprego do GAZCIDLA tem as vantagens seguintes:

- 1.º — É o melhor e mais preferido dos combustíveis domésticos.
- 2.º — Certeza da maior economia, toda a segurança e máxima garantia.
- 3.º — A sua montagem é instantânea, simples e barata.
- 4.º — É distribuído ao domicílio em qualquer parte e a todo o momento onde quer que se viva, proporcionando a comodidade máxima.
- 5.º — O serviço prestado ao domicílio é total, imediato e permanente, dispensando a assistência máxima.
- 6.º — A sua chama é a mais viva e está sempre pronta com a maior rapidez de aquecimento.
- 7.º — Não faz fumo; não suja; não tem cheiro; não demora; não falta; e não é tóxica.
- 8.º — Tem grande poder calorífica, garantindo um rendimento máximo, um consumo mínimo e toda a segurança em fogões, esquentadores, caloríferos, frigoríficos, candeeiros de iluminação, etc.
- 9.º — É facilmente transportável, tornando-se inseparável companheiro das donas de casa na cidade, campo, montanha, praia, barcos de recreio, atrelados para campismo, etc.
- 10.º — GAZCIDLA é uma garantia completa de economia, segurança e continuidade, sendo o gaz que serve Portugal inteiro para a alegria e o bem estar de todos os lares.

No seu próprio interesse consulte o Agente da Cídlá em Prado

MANUEL GOMES

TELEFONE 92137

Numa casa Portuguesa há GAZCIDLA com certeza!

A COMERCIAL DE PRADO

— DE —

Fernando Duarte Pedroso

Agente da Companhia de Seguros "Tranquilidade"

Azeites, Merceria, Vinhos, Refrigerantes, Ferragens, Adubos e Materiais de Construção

Revendedor de BUTAGAZ e produtos SHELL

Vila Verde

TELEFONE, 9211

PRADO

Casa Claro

— DE —

Paulo de Sousa Claro

Fábrica e depósito de velas de cêra e artigos de apicultura

Rua D. Diogo de Sousa, 100
TELEFONE, 22305 BRAGA

O melhor café e o



da Brasileira

— DE —

Mário Joaquim de Queirós & C.ª

TELEFONE, 22013 BRAGA

As mais seleccionadas árvores de fruto

(6)



As melhores sementes de flores e hortaliças.

As mais lindas rosas premiadas em Concursos Internacionais, Camélias, arbustos, arvoredos, bolbos, insecticidas, fungicidas. Construção de jardins, parques e pomares.

Catálogos Grátis

Alfredo Moreira da Silva & Filhos L.ª

Rua D. Manuel II, N.º 55
Telegramas: Roselândia
Telef. 21957. — PORTO

Anunciai, assinai e propagai "O Vilaverdense,"

"O Vilaverdense,"

Preço anual de Assinatura

| | |
|--|---------|
| Continente | 30\$00 |
| Ultramar e Brasil (via marítima) | 60\$00 |
| " " (via aérea) | 145\$00 |
| Outras nações (via marítima) | 70\$00 |
| " " (via aérea) | 165\$00 |



C. J. Chambers

Torre de Penegate

S. Miguel de Carreiras

Compro selos usados em quantidade ou envelopes c/ os selos colados.

Sòmente interessam selos vulgares, nacionais ultramarinos e estrangeiros. Selos caros não compro.

Natal do Soldado em Moçambique

Certo enviado de Moçambique pelo nosso assinante Fernando Coelho que presta serviço no exército português daquela província.

É noite de Natal; noite de festa, em que os corações se reúnem e as famílias se juntam para comemorar mais um aniversário do Nascimento do Redentor do Mundo, que é Jesus Cristo!

Mas eu não posso comparecer não posso comparecer nessa festa, nessa comemoração Natalícia! A Pátria necessita de mim, e eu passarei esta sagrada noite de atalaia nas fronteiras de Portugal; aqui no meu posto, nesta bendita terra Portuguesa que é Moçambique! Não ouvirei repicar os sinos, o repicar dos sinos para mim serão os Leões a uivar e as feras à minha volta, rodeado de mato serrado! Terei também saudades, muitas saudades da minha terra distante!... Quem sabe o que sucederá nessa noite? Talvez o inimigo ataque! Mas eu estarei alerta? Precisamente na hora da consoada eu estarei de vigilância cheio de coragem a defender a minha Pátria!

Portugal confia em mim, e eu confio em Deus.

Bendita a noite de Natal.

Mocimboa da Praia, 23 de Dezembro de 1961.

Fernando Coelho
1.º cabo

Incêndio em Vila-Verde

No dia 11 de Janeiro, manifestou-se incêndio na chaminé do Hospital de Vila-Verde. Compareceram ao primeiro sinal de alarme os Bombeiros Voluntários de Vila-Verde que extinguiram prontamente as labaredas.

Felizmente não há prejuizos.

Os rapazes e as figas

Em Vila-Verde, as figas que os rapazes agitam, são uma verdadeira praga. Partem os telhados, os vidros. Já há matulões que andam ao desafio a ver quem parte mais telhas ou quebra mais vidros.

A G. N. R. está a fazer uma acção intensa de repreensão. Nas posturas camarárias deveria existir uma multa a pagar pelos pais dos rapazes detentores das figas. Eles sabem muito bem que os seus meninos as têm, mas não se importam, porque os prejuizos são para os outros.

VAI A BRAGA?

Então não se esqueça de visitar

CAFÉ SPORTING

DE

Sequeira, Soares e Gonçalves, L.ª

Avenida Marechal Gomes da Costa, 712 — Telefon , 23253

Encontrará, em ambiente selecto e recolhido, um CAFÉ de alta especialidade, bebidas de todas as qualidades, cerveja a copo servida por pessoal diplomado e especializado pela Fábrica Central de Cervejas de Coimbra, além de

Mariscos sempre frescos, sandes, cachorros, pregos e o seu afamado BIFE À SPORTING, e um

SALÃO DE BILHARES

A nova Gerência do Café Sporting agradece a visita de U. Ex.ª

